

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO-

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO

E CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS

LIBRAS, ABORDAGEM TEÓRICA

Prof. Enos Figueredo de Freitas

Senhor do Bonfim - BA

2015

APRESENTAÇÃO

Prezado (a) aluno (a),

Este texto-base abrange a parte teórica da disciplina curricular Libras (Língua Brasileira de Sinais). Ele apresenta tópicos importantes que contribuirão para que você entenda a importância desse idioma, tanto para os surdos como para os não surdos (ouvintes).

A nomenclatura Libras é aplicada a Língua Brasileira de Sinais, que é a segunda língua oficial do Brasil e é o idioma dos surdos brasileiros. Esse idioma compreendido pela visão e produzido pelas mãos e expressões faciais e corporais tem gramática. Também outra sigla aceita internacionalmente é LSB – Língua de Sinais Brasileira.

Faz-se necessário se informar para não reforçar estigmas em torno da surdez ou da língua de sinais. Para fornecer esclarecimentos, esse material está dividido em oito partes. Os capítulos perpassam por tópicos como a surdez, esclarecimentos sobre a Libras, a gramática da mesma, a História da educação de surdos e sobre a legislação.

Examinar as informações aqui disponibilizadas propiciará a ampliação do universo cultural e sociológico imbricado nessa disciplina. Bons estudos!

SUMÁRIO

1. CONCEITUANDO A SURDEZ.....	05
2. DESMISTIFICANDO A LSB.....	07
2.1 “Não preciso aprender linguagem de sinais, já sei falar com “mudo”...07	
2.2 Todos os surdos fazem a leitura labial, usam a Língua de sinais ou já sabem ler bem em português.....09	
2.3 A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e de gesticulação concreta, incapaz de expressar pensamentos abstratos.....11	
2.4 A Língua de sinais seria universal.....12	
2.5 Há uma inferioridade da Libras em relação ao português.....12	
2.6 As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.....13	
3. GRAMÁTICA DA LIBRAS.....	13
3.1 Configuração de Mão (CM), primeiro parâmetro fonológico.....14	
3.2 Locação (L) ou Ponto de Articulação (PA).....16	
3.3 O Movimento (M).....18	
3.4 Orientação da Mão (OM) ou direção da mão.....18	
3.5 Expressões faciais e corporais (EFC) ou Expressões não manuais.....20	
4. MORFOLOGIA.....	21
4.1 A Composição.....22	
4.2 Flexão.....22	
5. SINTAXE.....	23

5.1 Organização das palavras dentro nos períodos.....	24
5. 2 Referente.....	26
6.SEMÂNTICA.....	26
6.1 Classificadores.....	28
7. BREVE HISTÓRIA DOS SURDOS.....	28
8. A LEGISLAÇÃO.....	31
REFERÊNCIAS	32

1. CONCEITUANDO A SURDEZ

A sociedade em geral não tem uma visão equilibrada sobre os surdos. Alguns talvez achem até um tanto rude usar o termo surdo. Na verdade o termo surdo é correto e totalmente aceito entre os surdos brasileiros.

Existe a visão clínico-biológica e a visão linguístico-cultural sobre a surdez. Na visão clínica, a surdez é encarada como uma deficiência do sentido da audição, que, se não for tratada, comprometerá a vocalização e a comunicação. Na visão linguística, a surdez é uma condição que permite conhecer o mundo e expressar-se enquanto sujeito autônomo, por meio das experiências visuais. Nessa ótica, o idioma utilizado pelos surdos lhes permite a completude, e assim, portanto, não lhes falta nada.

O decreto brasileiro nº 5.626/05 respeita a filiação cultural e à clínica, separando as duas categorias. Nas palavras do próprio decreto, as duas classes ganharam a seguinte definição:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (BRASIL, 2005).

A comunidade surda brasileira tem sustentado o posicionamento de que a Língua Brasileira de Sinais (Libras), faz do sujeito surdo, um cidadão equipado para se desenvolver na perspectiva social, cognitiva e afetiva.

O termo popular “mudo” não é recepcionado pela comunidade surda, pois este traz um estigma social e incorreção científica. Quando se utiliza o termo supracitado, alguns o fazem com uma conotação negativa; outros desconhecem a falta coerência científica do termo.

Então, esclareça-se primeiro: os surdos podem utilizar a fala vocalizada, desde que receba um treinamento fonoaudiológico; portanto, ele não é “mudo”.

Libras, abordagem teórica.

Segundo: a mudez é uma condição gerada por traumas ou AVC's, na maioria destes casos a pessoa até ouve, mas não vocaliza.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou ainda Língua de Sinais Brasileira (LSB), é a língua natural que os surdos do Brasil usam. Tal como a língua portuguesa, a espanhola, inglesa ou qualquer outra; a Libras é uma Língua rica, e com características gramaticais.

Os canais de recepção e produção são respectivamente os olhos e as mãos. Na produção de frases as mãos se combinam às expressões corporais e faciais, realizando os termos em um espaço. Levando em consideração esses fatores, a Libras é definida como uma língua visual-motora, visual-espacial ou gestual-visual.

Os usuários da Libras são surdos e não surdos (ouvintes). A LSB é uma língua que traz as experiências visuais da comunidade surda. Muitos surdos usam esta língua com naturalidade.

Os surdos, em sua maioria, são amigáveis e gostam de ensinar a Libras. Quando os interlocutores estão sinalizando eles se concentram na face e no entorno do emissor da mensagem. Cada vez mais familiares e diversos profissionais aprendem essa língua para se comunicarem, beneficiando aos surdos e aos grupos referidos.



Figura 1-“Aos quatro anos, Fabrizzio, que é filho de surdos, se comunica em Libras e está aprendendo Português.”

Fonte: Fernanda Brescia/G1.

2. DESMISTIFICANDO A LSB

Você já viu duas pessoas se comunicando por meio da língua de sinais, no caso do nosso país por meio da Libras? Já tentou entender os sinais realizados por um intérprete na TV quando surge uma nova programação e abre-se aquela janela de tradução?



Foto 2- Conversando em Libras

Fonte: [http:// bemparana.com.br](http://bemparana.com.br)



Foto 3- Vinheta em Libras

Fonte: <http://pt.mashpedia.com>

Achou rápido demais? Ficou com vontade de aprender também? Em geral a Libras é vista com muita curiosidade pela maioria das pessoas. Algumas dizem que é muito “bonito” ver as pessoas conversando em Língua de sinais; ainda outros querem aprender logo como “falar alguma coisa” (sinalizando). O grau de interesse varia. Há uma variedade ainda maior nos conceitos pré-existentes sobre essa modalidade linguística. A LSB desperta muita curiosidade nas pessoas, contudo ainda se faz necessário rever alguns equívocos.

2.1 “Não preciso aprender linguagem de sinais, já sei falar com “mudo””

Em geral as pessoas conhecem alguém que é surdo que mora próximo delas. Alguns conseguem se entender com o surdo, essa atitude é positiva. Porém qual o dano de pensar conforme o exposto acima? Vamos analisar.

Primeiro: termo “mudo” usado de forma leiga não é adequado. O correto é **surdo**.

Libras, abordagem teórica.

Segundo: muitos costumam usar o termo “linguagem de sinais”, ao invés de Língua de sinais. Linguagem é um termo abrangente, genérico e abarca os sistemas de comunicação entre humanos, entre animais ou ainda sistemas artificiais como “linguagem de programação de software” e outros. A língua é uma espécie que encontra-se dentro do gênero linguagem. Somente os humanos usam a língua como sistema padronizado de comunicação e esses padrões não restringem a criatividade ao se produzirem enunciados. Essas são características únicas da nossa espécie. Portanto, prefira **língua de sinais**, assim você inclui esse idioma no grupo das línguas naturais humanas - e não menos que isso.

O fato de produzir enunciados com a voz ou com sinais não desqualifica uma Língua. Os idiomas podem ser divididos em duas categorias: as línguas orais e as línguas de sinais. As duas vertentes citadas são legítimas e naturais.

Terceiro: alguns talvez não saibam que Libras é diferente de gestos comuns usados para contatos emergenciais. Pode ser que para as necessidades comunicativas dos sujeitos que se relacionam, alguns gestos sejam satisfatórios. Em alguns casos o próprio surdo não sabe a Língua de sinais e, portanto, usa gestos inteligíveis que reportam as mensagens necessárias, constituindo assim uma linguagem primária (limitada).

O problema é que essa linguagem não dá conta de assuntos mais complexos que só a língua de sinais pode propiciar com plenitude. Usando a língua de sinais o sujeito consegue entender as diversas perspectivas e discursos produzidos; incluindo as abstrações e discussões metalinguísticas. Se você não aprende Libras terá dificuldade para transmitir as informações com precisão.

Quando o sujeito surdo já sabe Libras, suas necessidades cognitivas, afetivas e comunicativas tendem a ser minimamente alcançadas. Por falta de informação ou motivação algumas famílias não se dão conta de que apenas o básico não é satisfatório. Muitos não aprendem Libras e a comunicação superficial torna a convivência desinteressante. Em sala de aula os bloqueios para aprendizagem também tendem a aumentar. O quadro se reverte favoravelmente quando o pai, o irmão, o professor, o coordenador – enfim o maior número de pessoas, se interessa em aprender Libras. Nessas condições, o surdo, em geral, se interessa em acessar os conhecimentos e interagir.

Se você não sabe língua de sinais não precisa evitar o contato com o surdo. A medida que você o tratar com dignidade, o surdo se sentirá mais a vontade para conversar e pode ser que o mesmo te ajude a aprender mais a Libras. A maioria deles interage bem e são descontraídos.

2.2 Todos os surdos fazem a leitura labial, já sabem ler bem em português ou usam a Língua de sinais

Gostaríamos que os surdos usufríssem voluntária e prazerosamente todas essas condições. Mas, esse patamar ainda **não** foi alcançado. A maioria sabe a língua de sinais, um número pequeno lê bem em português e menos ainda, conseguem fazer a leitura labial.

Acontece que, quando a criança é diagnosticada com surdez, muitos pais decidem que a mesma precisa falar, não importando se este será um processo complicado ou não, para o ente. A maioria dos fonoaudiólogos, com algumas exceções; recomendam a linguagem oral sem uso de gestos ou sinais.

É um direito de escolha o treinamento oral. Aprender Libras também faz parte do direito de escolha. Ocorre que, em muitos casos, não é o direito ou a melhor opção para a criança que guia a escolha. Para muitos pais, vizinhos e professores, conseguir falar ou fazer a leitura labial seria a conquista da normalidade. Alguns surdos também podem ter esse pré-conceito visto que a maioria em sua volta usam a língua oral. No fim é a visão de desmerecimento da Libras que guia a escolha pelo oral e marginaliza a língua de sinais.

É verdade que **pouquíssimos** surdos obtêm medidas variadas de habilidade oral .

Porém quais são as expectativas exacerbadas em torno da linguagem oral? Uma fonoaudióloga nos responde em Santana,(2007, p.133):

O aparelho parece, assim, que é a peça fundamental pro desempenho na escola.[...] Elas (as mães) tem muito interesse em saber em saber como seria uma técnica pras crianças fazerem leitura labial e emissão oral, isso elas tem interesse. Quando elas vem pra cá e a gente explica que a coisa não é bem assim, que seria interessante elas aprenderem o sinal, você vê uma certa desmotivação por parte delas. E mesmo quando eu ... oriento como seria melhor elas acham que tem que ser uma coisa rápida.

É evidente que muitos pais, e até mesmo alguns surdos oralizados, têm a concepção de que a língua oral é o meio único e ideal para acesso à informação.

Em alguns casos os surdos conseguem fazer leitura labial e conversar usando a voz. Mas, todos sabem que esse processo exige muito do surdo, e que em muitos casos o treino oral não propiciou fluência. Na maioria das vezes, as conquistas são tão insuficientes que o surdo não aprende nem a língua portuguesa e nem a língua de sinais.

Outro desdobramento, é que, mesmo quando se consegue usar a língua oral, a sociedade estranha a fala do surdo, por causa dos “erros” ao usá-la (SANTANA, 2007). Essa cobrança por um nível de proficiência oral demanda tempo e nem sempre traz o retorno esperado – principalmente para o optante por essa modalidade.

Coincidentemente, muitos professores concluem que, se seu aluno, copia “tudo direitinho”, ele já sabe ler e entender os conteúdos. Escapa-lhes o fato de que o surdo pode estar copiando mecanicamente. O que acontece é que, por imaginar que copiando tudo, ele está entendendo, muitos profissionais não usam outras estratégias de ensino, e o surdo acaba não apreendendo o conteúdo.

A escrita do português é importante para o surdo. Porém a via fonológica não garante a aprendizagem da leitura e da escrita. Há muitos ouvintes que falam português, mas não conseguem ler e escrever. A aprendizagem de um idioma não é conseguida unicamente pelo domínio da modalidade oral. Aprender o significado de um termo e seus usos pode acontecer também por outros mecanismos que não sejam orais. Se houver uma metodologia visual e instrumental voltada a ensinar a língua portuguesa aos surdos, estes poderão compreender a parte escrita - e se desejarem também a parte oral. Porém, muitos surdos não são favoráveis a esta última forma mencionada.

Infelizmente, na região do Piemonte Norte do Itapicurú, ocorre que alguns surdos não têm contato com outros surdos que sabem a LSB; por ficarem afastados daqueles que usam a Língua de sinais estes não a reconhecem, mesmo que a vejam na televisão. É no contato com surdos que eles se apropriam da Língua. Essa aquisição do idioma, também pode vir pelo contato com instrutores de Libras proficientes. Em outros casos, pessoas que saibam a Língua, em alguns casos

ligadas às instituições religiosas, como Testemunhas de Jeová ou Batistas, ensinam a Libras aos surdos (FREITAS, 2014).

Cabe pontuar que dominar a **língua de sinais**, a compreensão e a **escrita** da língua portuguesa é a condição desejável para o surdo alcançar – porém, conseguir avançar depende de oportunidades adequadas.

2.3 A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e de gesticulação concreta, incapaz de expressar pensamentos abstratos

Não é verdade que a Libras se limita ao concreto. “Pode-se discutir política, economia, matemática, física, psicologia”, religião, teorias científicas, relações de poder, funções metalinguísticas, didática, humor e outras infinitudes. Cada língua de sinais tem sua arbitrariedade e por isso elas não se limitam ao icônico (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Podemos inferir que, ao passo que a iconicidade existe e torna a compreensão do sinal mais fácil, a arbitrariedade não tem “semelhança visual” com o referente (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Veja a diferença entre um sinal icônico e um arbitrário nas figuras a seguir.



Figura 5 –CASA (ICÔNICO)

Fonte: Acervo do autor



Figura 6 - PEDAGOGIA (ARBITRÁRIO)

Fonte: Acervo do autor

2.4 A Língua de sinais seria universal

Assim como ocorre uma grande variedade nas línguas orais, as línguas de sinais também são várias em redor do mundo. Por isso existe a LSB ou Libras aqui no Brasil, a ASL nos Estados Unidos, LSE na Espanha e outras. Existem mais de 170 línguas de sinais catalogadas (ALFABETO SURDO.COM, 2013) .

A cultura pode ultrapassar fronteiras. Assim, até mesmo dentro de um mesmo território, ocorre variação linguística e isso não é diferente com a língua de sinais.

2.5 Há uma inferioridade da Libras em relação ao português

Quando estudamos outro idioma sempre buscamos fazer referência ao nosso idioma materno. Nessa fase, na produção oral ou escrita acabamos misturando a estrutura da nossa primeira língua com a língua alvo. Alguns concluem que uma língua tem coisas que outra não tem. Isso não necessariamente é ruim. O problema é quando começa a se achar que um determinado idioma é superior ou inferior a outro. Não é produtivo achar superioridade entre português e espanhol. O mesmo se dá com Libras e português.

Algumas pessoas pensam que a estrutura gramatical de construção da Libras é a mesma do português. Pensam que cada elemento da Língua portuguesa tem ou deveria ter, um correspondente exato em LS. Cada Língua seleciona as suas regras e elementos de construção. Quadros e Karnopp (2004, p. 35) alertam que: “A alegação de empobrecimento lexical nas línguas de sinais surgiu a partir de uma situação de intolerância em relação aos sinais na sociedade, em especial na educação.” Portanto, é preciso verificar se o pensamento enfocado no tópico advém de estigma, caso o seja, é necessária uma mudança de atitude; pois estereótipos não são justos e desencadeiam males sociais.

2.6 As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes

Desde muito tempo filósofos e outros intelectuais e até mesmo a Igreja postulavam que a humanidade se confirmava pelo uso da “fala”. Portanto os gestos eram vistos como algo inferior. Depois das proibições ao uso das Línguas de sinais esse equívoco perdurou.

Até aqui abordou-se assuntos relevantes. Para uma leitura mais ampla sugere-se o livro: **Libras? Que língua é essa?** da autora **Audrei Gesser**.

3. GRAMÁTICA DA LIBRAS

As Línguas naturais estudadas pela linguística são analisadas do ponto de vista estrutural: a fonética, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. A Libras contém esses componentes linguísticos.

Sabemos que “as palavras são formadas a partir de morfemas, os quais se originam da combinação de fonemas” (RODRIGUES E VALENTE, 2010, p.54). Sendo os fonemas visuais os componentes da Libras, examinaremos na esfera da **fonologia**, suas cinco categorias. Ainda estudando a gramática, explora-se nesse material a **morfologia**, a **sintaxe**, a **semântica** e a **pragmática**.

3.1 Configuração de Mão (CM), primeiro parâmetro fonológico

A forma que a mão assume, inicialmente, para realizar o sinal, é denominada Configuração de Mão. Esse parâmetro recebe a sigla CM. Até o momento foram catalogadas 64 CMs conforme Felipe (2001). A seguir representadas:



Figura 12 – Configurações de mão

Fonte: <http://dieselpardal.blogspot.com.br>

Libras, abordagem teórica.

Para realizarmos um sinal precisamos primeiro de uma configuração de mão – na maioria dos casos. Veja a configuração de mão e o sinal para casa.



Figura 13- CM 62

Fonte: Acervo do autor.



Figura 14- CASA

Fonte: Acervo do autor.

Podemos realizar o sinal com uma mão enquanto a outra fica parada. Na literatura, essa situação é definida como mão ativa e passiva. No exemplo a seguir a mão configurada em “n” é ativa e a mão aberta é passiva.



Figura 15- NOTA

Fonte: Acervo do autor.

Ainda é possível usar as duas mãos com a mesma configuração, formando um sinal. Nesse caso, as duas mãos são ativas.



Figura 16- COMPUTADOR

Fonte: Acervo do autor.

3.2 O Ponto de Articulação (PA) ou Locação(L).

Percebemos outro parâmetro fonológico é o local onde o sinal é realizado. Os pontos de articulação ou locação são divididos em quatro áreas principais: cabeça, tronco e mão e espaço neutro.

Segue-se agora os exemplos de sinais no espaço neutro.



Figura 17 - PROFESSOR

Fonte: Acervo do autor.



Figura 18- ENSINAR

Fonte: Acervo do autor.

Sinais realizados (com a locação ou ponto de articulação) na cabeça, especificamente na região da mandíbula:



Figura 19 -HOMEM

Fonte: Acervo do autor



Figura 20 -MULHER

Fonte: Acervo do autor

Sinais realizados (com a locação ou ponto de articulação) no tronco:



Figura 21–PORTUGUÊS (Toráx)

Fonte: Acervo do autor.



Figura 22–ALUNO (No antebraço)

Fonte: Acervo do autor.

Sinais realizados (com a locação ou ponto de articulação) na mão:



Figura 23 - MATEMÁTICA

Fonte: Acervo do autor



Figura 24 - ESTUDAR

Fonte: Acervo do autor

Até aqui já é possível entender as Configurações de Mão e as Locações ou Pontos de Articulação. Agora você precisa entender o próximo parâmetro fonológico da LSB.

3.3 O Movimento (M)

O movimento é também parte fonológica importante para a composição de um sinal ou morfema, linguisticamente falando. Sim, unindo esses três fatores podemos formar um signo em Libras.

Os movimentos podem ser sinuosos, lineares, circulares, semicirculares. Podem ser realizados unidirecionalmente, bidirecionalmente ou multidirecional. (RODRIGUES E VALENTE, 2011).



Figura 25 - LIBRAS
(Movimento circular)

Fonte: Acervo do autor.



Figura 26 -CURSO
(Movimento retilíneo)

Fonte: Acervo do autor



Figura 27- CIÊNCIAS
(Movimento sinuoso)

Fonte: Acervo do autor

3.4 A Orientação de Mão (OM) ou direção da mão

Outro padrão fonológico é a Orientação de Mão (OM). É interessante que cada sinal pedirá a orientação da mão, se vai estar para cima ou para baixo, para o receptor da mensagem ou voltado para o próprio interlocutor. Para cada configuração Libras, abordagem teórica.

de mão esta se orientará em pelo menos seis formas distintas, sendo três na vertical e três na horizontal. No exemplo com o verbo ajudar é possível perceber a mudança de significado por causa da OM.



Figura 28 - TE AJUDAR

Fonte: Acervo do autor



Figura 29 - ME AJUDAR

Fonte: Acervo do autor

A orientação da mão pode dar-se de seis modos- três na vertical e três na horizontal, veja a figura a seguir.

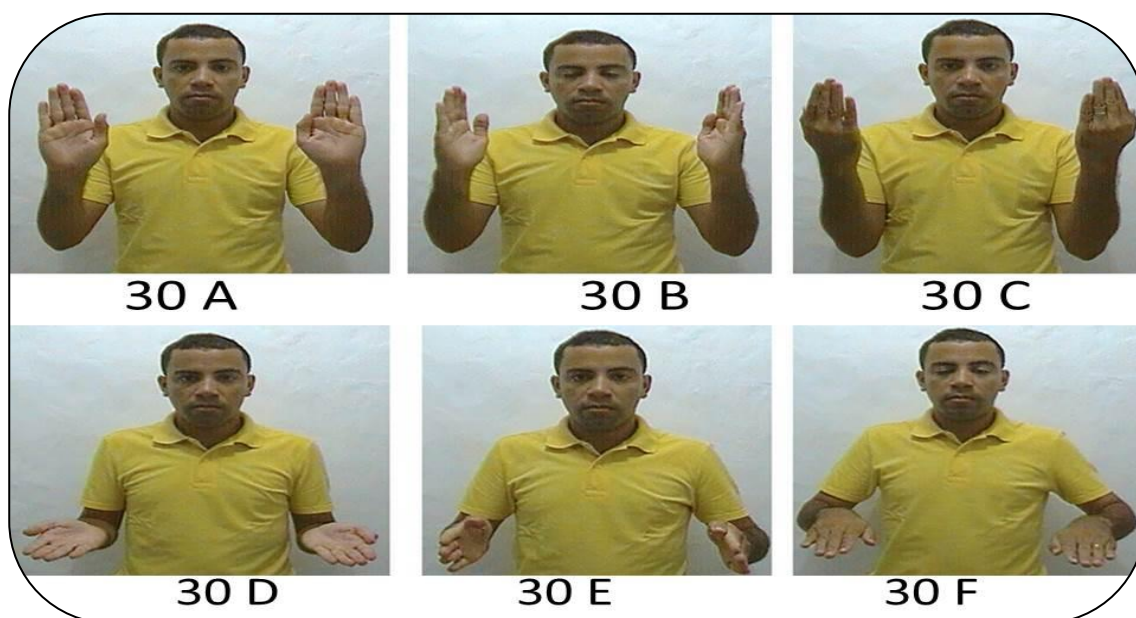


Figura 30 – 30A,B e C; direção da mão na vertical, e 30 D,E,F ; direção da mão na horizontal.

Fonte: Acervo do autor.

Além da orientação de mão temos outro parâmetro muito significativo na LSB, esse é conhecido como Expressões Faciais e Corporais, ainda outros preferem chamá-lo de expressões não manuais.

3.5 As expressões faciais e corporais (EFC) ou Expressões não manuais

Normalmente estranhmos quando uma pessoa não modula a entonação da voz. Estranhmos quando expressa-se num ritmo que não varia, parece que dispara numa “nota só”. As expressões faciais e corporais, fazem parte da modulação da entonação do discurso em Libras, definindo o aspecto e intensidade. Quando o sujeito fala em Libras (ou seja, sinaliza), sem usar expressões faciais e /ou corporais adequadas, então a sensação é de que se está transmitindo algo em uma “nota só”. Além do mais pela expressões faciais ou corporais, se percebe afirmação, negação ou interrogação, neste caso elas fazem parte da gramática.

É possível perceber algumas expressões faciais e corporais nos vídeos apresentado pelo professor, bem como também aqui no texto, logo a seguir.



Figura 31 – Afirmando
(PODE!)

Fonte: Acervo do autor



Figura 32- Negando
(NÃO TENHO)

Fonte: Acervo do autor



Figura 33 - Interrogando
(O QUE?)

Fonte: acervo do autor



Figura 34 - COMO?
Fonte: Acervo do autor



Figura 35 - POR QUE?
Fonte: Acervo do autor

Assim como a diversidade de notas ou entonações de maneira adequada tornam a conversação agradável; assim as expressões faciais e corporais são parte integrante e dão modulação ao discurso em LSB.

4. MORFOLOGIA

A morfologia estuda a formação das palavras ou as unidades menores que tem significado (os morfemas) que se combinam para formar outros signos. A morfologia investiga as palavras e sua flexibilidade para tempo verbal, gênero, pessoa, prefixo, sufixo etc. Esse estudo pode ser aplicado às palavras sinalizadas. Por exemplo: Pedreiro. Podemos identificar *pedr-* como vindo de *pedra* *eir-* como aquele que faz algo e a letra *-o* indica o gênero. Esses pedaços menores das palavras são os morfemas, eles carregam significado. Uma palavra pode formar-se pela derivação exemplo: *pedra > pedreiro*; ou ainda pela composição, exemplo *guarda-roupa*. Veremos dois aspectos morfológicos em Libras.

4.1 A composição

A estratégia de juntar vocábulos para significar um conceito também ocorre em Libras. A composição envolve juntar duas ou mais palavras para definição de algo. Observe os exemplos seguintes.



Figura 36 –PAI

Fonte: Acervo do autor.



Figura 36 - MÃE

Fonte: Acervo do autor.

4.2 Flexão

Este é outro fenômeno morfológico e existem várias especificidades dentro desse grupo. Veremos a flexão de número e a sua relação com os sujeitos/ referentes envolvidos no contexto. Veja o exemplo de incorporação flexional.



Figura 37 - MÊS

Fonte: Acervo do autor



Figura 38 - MESES

Fonte: Acervo do autor

Visualize a flexão do verbo para concordar com o sujeito/ referente. O sinal irá distinguir entre um, dois, três ou mais referentes. Observe os exemplos.



Figura 39 –DISTRIBUIR À 1

Fonte: Acervo do autor.



Figura 40 - DISTRIBUIR A 2

Fonte: Acervo do autor.



Figura 41 DISTRIBUIR À 3

Fonte: Acervo do autor.

A morfologia é uma área estrutural da língua que oferece muitos elementos para estudo. Até aqui pôde-se entender mais sobre o fenômeno da composição e da flexão.

5. SINTAXE

Quanto à sintaxe, esta é a área que investiga como as palavras se organizam para formar as frases. Analisa ainda a versatilidade das frases dentro do discurso. Digno de nota é que os utentes de um idioma sempre conseguirão identificar Libras, abordagem teórica.

formações de frases com sentido e outras desorganizadas que seriam consideradas agramaticais. Portanto a sintaxe se ocupa de analisar “ as restrições que determinam a ordem das palavras na sentença” (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 21). A língua de sinais segundo as pesquisas atuais mostram que ela segue a ordem SVO- Sujeito- verbo- objeto. Mas também é muito comum, por causa da concordância com os verbos, a ordem OSV e SOV.

5.1 Organização das palavras nos períodos

Para ter uma visão geral das formações das frases, veremos as afirmativas, negativas e interrogativas em LSB.

Segue um exemplo de frase **afirmativa**.



Figura 42 -Prova [eu] respondi, passei.

Fonte: Acervo do autor.

Agora dispõe-se, para facilitar a compreensão, um exemplo de frase na **negativa**.



Figura 43– Frase: Português estudar não quero.

Fonte: Acervo do autor.

Para completar os exemplos com os tipos de frases, analise a oração na forma **interrogativa**.



Figura 44 – Atividade responder como?

Fonte: Acervo do autor.

Pode-se perceber o seguinte detalhe: em Libras o pronome interrogativo, na maioria das vezes vem no final da oração.

Outro recurso lingüístico são os mecanismos de referência, usados no discurso. Entender como esses conectivos funcionam, contribuirá para percepção e uso ao se comunicar. .

5.2 Referente

O referente é aquele a quem o discurso se dirige ou se refere. Quando os sujeitos estão presentes no local e no momento da conversação então fica fácil identificar a quem o discurso se dirige.

Quando o sujeito ou referente está ausente é aí que entra em cena a questão da apontação ostensiva para marcar o lugar do sujeito e daí fazer a fala do sujeito ou ainda dirigir-se àquele referente marcado pela apontação anterior. Analise a imagem a seguir.

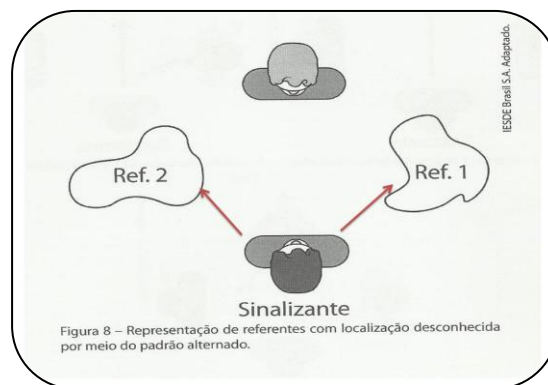


Figura 45 – Referentes

Fonte: IESDE BRASIL S.A.

Os referentes 1 e 2 da figura estão ausentes então a depender do contexto o sinalizante usará a apontação para indicar quem ou de quem está falando. Ele poderá, também, movimentar o corpo um pouco para o lado do local que foi marcado no discurso. Com o uso da LSB você gradualmente adquirirá essa habilidade importante.

Encerrada a parte da sintaxe, veremos o nível estrutural da semântica.

6. SEMÂNTICA

Passando para a área da semântica percebemos que ela estuda o “significado da palavra e da sentença” (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 21).

Podemos usar uma palavra com sentido denotativo (sentido real) ou podemos usá-la com sentido conotativo (que contém um significado diferente do habitual atribuído àquela expressão). Sendo a semântica, portanto, o campo de estudo que analisa os significados, ela revela elementos de fácil assimilação. Envolve sinônimos e antônimos, polissemias, homônimas.

Em geral o sinal usado em caso de sinônimos são diferenciados pela expressão facial ou pelo contexto.

Compare, a seguir, os sinônimos, diferenciados ou pelo contexto ou pelas expressões faciais:



Figura 46-GORDO

Fonte: Acervo do autor



Figura 47- OBESO

Fonte: Acervo do autor

Um exemplo de homônimo, são as palavras laranja e sábado.



Figura 48 - LARANJA

Fonte: Acervo do autor



Figura 49 - SÁBADO

Fonte: Acervo do autor

6.1 Classificadores

A particularidade lingüística dos classificadores atribui-se aos sinais que descrevem pessoas ou objetos de acordo com sua forma, tamanho, movimento, número e até com concordância verbal. Na conversação com os surdos e ouvintes fluentes em Libras você perceberá e passará a usar esses recursos linguísticos.

Observe alguns exemplos de classificadores a seguir.



Figura 50 – Classificador
Para pessoas na fila
Fonte: Acervo do autor



Figura 51 – Classificador
Pessoa desfilando.
Fonte: Acervo do autor.



Figura 52 – Pessoa subindo
na árvore.
Fonte: Acervo do autor.

Esperamos que até aqui, prezado acadêmico, você tenha conseguido visualizar a estrutura da Língua de sinais e entender conceitos corretos sobre os surdos que os ajudarão interagir, e ter uma prática pedagógica mais adequada. Lembre-se que teremos aulas práticas que o permitirão conversar em Libras.

7. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Outra perspectiva importante a ser conhecida, é a histórica. Uma das primeiras menções ao surdo encontra-se no texto sagrado dos cristãos, a Bíblia. Em Levítico 19:6 há uma ordem específica para preservar a dignidade do surdo. Em algumas culturas os surdos eram vistos como seres com poderes divinos e em outras eles eram eliminados.

Desde Girolamo Cardano (1501-1576) “rompeu-[se] com a visão de que os surdos eram incapazes de aprender” (Silva 2006, pg.16 *in*. Estudos Surdos I).

Defendia-se que a fala não era o único meio de educar os surdos, esse processo poderia ser feito por meio da escrita. Com Pedro Ponce de León, famílias aristocráticas começaram a educar seus filhos surdos.

Mais adiante em 1750, na **França**, o abade Charles Michael L'Épée, começou a promover a educação de surdos de maneira pública e respeitando a língua de sinais. Ao conseguir êxito em ensinar os idiomas francês e latim escrito, bem como profissionalizar os surdos, o seu método gestual fez com que os surdos florescerem como cidadãos autônomos e significativos para a sociedade.

Nos Estados Unidos, em 1817 Laurent Clerc, professor surdo francês, junto com Thomas Gallaudet fundaram o Asilo para Surdos de Hartford. “O êxito imediato e espetacular do Asilo Hartford levou a abertura de novas escolas por toda parte ... onde havia um número suficiente de alunos surdos” (SACKS 1990, p. 31).

Em 1857, o Brasil, com a liderança do professor surdo francês Hernest Huet, também começou a organizar a educação de surdos, privilegiando o sistema de ensino gestual.

Porém, em 1880 em **Milão** foi realizado um congresso, onde uma maioria ouvinte, decidiu que a educação de surdos nos espaços institucionais do mundo, seria feita pelo método oral. Essa imposição trouxe muitos prejuízos aos surdos. A proibição das Línguas de sinais, prejudicou a vida cognitiva e social dos surdos até 1970 e 1980. Praticamente 100 anos de atraso para a comunidade surda.

Foi a partir dos trabalhos de Stokoe, linguista norte-americano, que em 1960 ficou provado que a língua de sinais era uma língua com os mesmos parâmetros das línguas orais. Essa descoberta começou a despertar a comunidade acadêmica, para pesquisas e revisões sobre o do método de ensino oral. Também contribuiu para o respeito a ser dado aos idiomas sinalizados – o de línguas naturais humanas.

Com evidencia mais do que suficiente de que abordagem oralista não obteve resultados expressivos, a partir daí as perspectivas começavam a mudar. Aqui no **Brasil** a história moderna da Libras começa a mudar com as pesquisas de Lucinda Ferreira Brito na década de 1980. No nível superior o curso de graduação Letras-Libras, ministrado pela UFSC, tem formado vários professores surdos. Depois de

experimentarem uma fase mais flexível com a comunicação total, os surdos querem um sistema de **ensino bilíngue**, que eles defendem como ideal.

Nos EUA, a Universidade Gallaudet tem se destacado como marca de empoderamento dos surdos daquele país.



Figura 7 - L'Épée 1712 -1789

Fonte: <http://sospedagogia-andrea.blogspot.com.br>

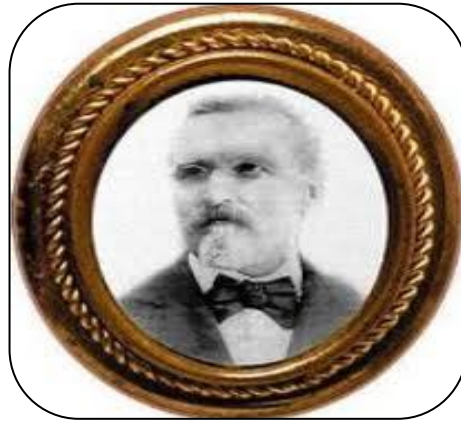


Figura 8 - Ernest Huet

Fonte: <http://smecidreira.blogspot.com.br>



Figura 10 - Willian Stokoe 1960

Fonte: <http://it.wikipedia.org>



Figura 11 - UFSC- Letras-Libras

Fonte: <http://www.ifgoias.edu.br>

8. A LEGISLAÇÃO

Os surdos e alguns educadores não surdos empreenderam esforços nacionais e internacionais para que se conseguisse efetivar políticas pedagógicas que contemplassem a sua especificidade linguística e cultural dessa minoria. Esse ainda é um processo em construção. A seara legal também têm se expandido e contribuído para legitimar alguns direitos.

Por exemplo, a Lei 10.098 (Lei de Acessibilidade), foi um marco social importante no intuito de promover o acesso a informação, incentivando a remoção das barreiras na comunicação.

Em 2002 aqui no Brasil os surdos conseguiram uma grande vitória: sua língua foi reconhecida oficialmente. Sim, “a Lei de Libras” foi aprovada. Sob o número 10.436 o instrumento reconhece a Libras como um sistema linguístico dos surdos brasileiros.

Em 2005, o Decreto 5.626 regulamentou a Lei anterior e determinou como as instituições educacionais, da saúde e laborais devem difundir a Libras nos meios institucionais.

As conquistas legais não pararam por aí. Em 2010 a recomendação 001 de 15 de julho do CONADE referente a acessibilidade dos surdos em concursos públicos, propõe mais equidade no processo avaliativo e esclarece como fazê-lo.

Quanto aos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) foram reconhecidos pela Lei 10.319 no ano de 2010.

Os surdos e profissionais ouvintes estão cada vez mais fortalecendo a comunidade surda. É preciso que as famílias, os profissionais da educação, entre outros ramos da sociedade, entendem a diferença idiomática e respeitem a alteridade desse grupo. Com informação e esforços bem direcionados os direitos tendem a ser usufruídos e perspectivas mais equitativas são ofertadas.

Espera-se que as temáticas aqui abordadas, contribuam para um posicionamento mais esclarecido sobre os surdos e a relevância da sua língua.

REFERÊNCIAS

ALFABETO SURDO.COM. **Línguas de sinais no mundo.** Disponível em:<<http://www.alfabetosurdo.com/ptsign/listsignlanguages.asp>> Acesso: em 01/12/2013.

BRASIL. **Decreto 5.626.** Disponível em:<http://r1.ufrj.br/graduacao/arquivos/docs_academico/decreto_5626_libras.pdf> Acesso em: 01/12/2013.

FREITAS, Enos Figueredo de. **Educação de surdos:** uma análise das práticas inclusivas no Território do Piemonte Norte do Itapicuru. REVASF. – Petrolina, PE, vol.3, nº1, p.44-60, ago. 2014.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua brasileira de sinais, estudos linguísticos.** - Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. **Aspectos Linguísticos da LIBRAS.** - Curitiba: IESDE, 2011.

SACKS, Oliver. Tradução de Laura Teixeira Motta. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem, aspectos e implicações neurolinguísticas.** - São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA, Vilmar. **Educação de surdos:** uma releitura da Primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. *In:* Estudos surdos I. – Petrópolis – RJ, 2006.